

INTRODUÇÃO AO DOSSIÊ “OS POPULISMOS NO SÉCULO XXI”

O século XXI será o século do populismo. Fenômeno celebrado por alguns e demonizado por outros, de difícil precisão conceitual, o populismo suscita infindáveis debates acerca de sua “essência” - estratégia política? instrumento de mobilização? ideologia? ethos democrático? discurso? simples estilo de comunicação? forma de política?-, de suas causas e, sobretudo, de suas consequências para os sistemas democráticos. Ao longo do tempo, múltiplas abordagens teóricas e tipologias foram elaboradas, principalmente através de estudos de caso. Como resultado dessa falta de delimitação clara do populismo enquanto conceito e fenômeno, constata-se a existência de um impasse teórico com profundas implicações políticas. Essas são tão profundas que poderíamos nos perguntar se o uso dessa nomeação polêmica, com longa tradição nas ciências sociais, não esconde realmente uma mutação da política e da democracia mais ampla em nosso tempo. Mutação consistente na capacidade decrescente dos Estados nacionais num contexto globalizado, no consequente enfraquecimento das formas representativas tradicionais que caracterizaram o modelo do pós-guerra e na transformação vertiginosa do que se convencionou chamar de “conversação pública das massas”.

Entretanto, independente da abordagem interpretativa ou normativa a ser utilizada, o populismo deve ser entendido como uma espécie de resposta aos problemas contemporâneos, particularmente em razão da sua alta capacidade de penetração em diversas áreas e temáticas: partidos políticos, movimentos sociais, nacionalismo, fascismo, política externa, identidades, gênero, religião, mídia e migrações. Sendo assim, o objetivo deste dossiê é oferecer aos nossos leitores, a partir de uma perspectiva pluridisciplinar, uma atualização das reflexões acerca do populismo no século XXI - denominado, por alguns autores, de neopopulismo a fim de diferenciá-lo do populismo “clássico”.

O dossiê que apresentamos é composto por oito artigos e uma contribuição especial da professora Isabel Ferin Cunha, do Instituto de Comunicação da Universidade Nova/Universidade de Coimbra, Portugal. Seu ensaio, “A Europa face ao Populismo: desde os anos 80, do século XX, até aos tempos da Pandemia e da Guerra na Ucrânia”, analisa a emergência dos populismos na Europa nos últimos quarenta anos. Após uma revisão bibliográfica da perspectiva do populismo como fenômeno de comunicação, são examinadas as relações entre as mudanças no panorama mediático e a emergência de políticos e movimentos populistas. Nesse sentido, a autora elabora um quadro interessante no qual são sintetizados os temas, as características da comunicação política e as políticas/ações dos meios de comunicação e das redes sociais, face ao populismo na Europa, nos últimos dois anos.

O primeiro artigo apresentado foi escrito por Daniel Guedes Silva Daher e Liliane Gobetti Fagundes, que analisam no texto “O protagonismo populista no século XXI”, as causas e possíveis implicações das crises democráticas e a emergência de lideranças populistas. A partir da pesquisa na variação do índice Gini em treze democracias, os autores estabelecem uma correlação entre essa variável e a ascensão de líderes populistas ao poder. Os achados do trabalho mostram que a desigualdade por si só não é motivo suficiente para explicar a ascensão de populistas ao poder. Eles concluem afirmando que a variação do índice de Gini nos países analisados demonstra que “populistas podem emergir em ambientes de baixa e alta desigualdade, ou seja, é necessário o estudo de outros fatores como imigração, e outras questões econômicas, e socioculturais”.

O segundo artigo “Emergência do Putinismo como um novo populismo”, apresenta uma revisão bibliográfica do surgimento e significado do conceito de putinismo, criado para definir o populismo na sua versão Russa. A partir da revisão dessa literatura, Ana Paula Balthazar Tostes, observa que o regime político de Vladimir Putin na Rússia pós-soviética foi estudado a partir de três dimensões: como uma nova ideologia, um novo stalinismo, ou um tipo próprio e característico do populismo. A autora, baseada nesta última perspectiva, analisa a personalização da política nacional focada na figura de um líder carismático que se utiliza de estratégias de persuasão e capacidade de resgates simbólicos na condução de um governo centralizado e capaz de reprimir oposições. Segundo a autora, “o putinismo resgata das crueldades do stalinismo, mas sob uma roupagem e justificativa próprias, para convalidar atos de agressão e violação de direitos humanos e do direito internacional público.” O contraponto é o enfraquecimento das instituições democráticas e a permanência no poder por vias de exceção que se justificam pelo argumento da legitimação de um projeto de construção nacional.

“Nós somos o povo! As manifestações populistas do PEGIDA no cenário da Alemanha contemporânea”, o terceiro artigo do dossiê, apresenta uma pesquisa teórica sobre o passado da Alemanha oriental com o objetivo de explicar a origem do ressentimento que teria provocado o surgimento do movimento PEGIDA. Essa história, marcada pela resistência social frente ao domínio soviético e ante a discriminação da população oriental, associada ao atraso e a miséria, pós-reunificação, em 1990, seria, segundo Luciana Garcia de Oliveira, a razão pela qual as lideranças do PEGIDA manipulam slogans de manifestações do passado, a fim de intensificarem o repúdio a presença muçulmana no presente. Para o PEGIDA, os refugiados muçulmanos simbolizam uma ameaça à identidade ocidental, democrática e cristã da Europa. A fim de amenizar o contexto hostil, gerado durante o período denominado de “crise dos refugiados”, foram fomentadas políticas públicas para a integração econômica, cultural e social de milhares de refugiados acolhidos na Alemanha nos últimos anos. Os esforços políticos pela integração estrangeira tendem, basicamente, a tornar a Alemanha mais multicultural e menos intolerante.

Carlos Luiz Da Silva Souza Filho analisa, no quarto artigo “Comunidades imaginadas transnacionais: Globalização, identidade e ascensão da Alt-Right”, de que forma a globalização e as tecnologias da informação, nos

moldes contemporâneos, longe de pôr fim às fronteiras e aos nacionalismos, parece estar agindo de modo a fortalecê-los e a multiplicá-los. Segundo ele, foram reforçados dessa forma os nacionalismos pan-étnicos com características e estratégicas populistas. Essa revolução nas tecnologias de informação, os impactos sociais e econômicos do capitalismo neoliberal e eventos internacionais como a guerra global ao terror criaram as condições para o crescimento do denominado movimento Alt-Right, que explora as ambiguidades dos significantes "nação" e "povo".

Os três últimos artigos do dossiê focam especificamente no estudo do populismo hodierno no Brasil. Daniella Motta da Silva, no “A Direita Radical: Os casos do “bolsonarismo” e do Partido “Chega”, apresenta um estudo comparativo entre dois expoentes da extrema-direita, o bolsonarismo no Brasil, e o partido português “Chega”. Através do uso da metodologia qualitativa com um importante levantamento bibliográfico, a autora conclui que, apesar da pluralidade do fenômeno da nova extrema-direita, grande parte do discurso dos diferentes atores políticos deste fenômeno pode ser considerado convergente especialmente em seu conservadorismo social, e ao se colocarem, independentemente do tempo de experiência política, como “antissistema”.

Em “Fragmentos do discurso populista: a dicotomia amigo-inimigo na retórica do governo Jair Bolsonaro”, Daniel Jatobá e Mateus Andrade analisam os discursos oficiais pronunciados pelo presidente da República do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, eleito em 2018, e os do seu primeiro chanceler, Ernesto Araújo. A retórica adotada por eles incorpora a dicotomia povo, de um lado, e a elite política, do outro, sendo o uso de estratégias de comunicação com as massas e a valorização da soberania popular o que corresponderia às principais características do populismo apontadas pela literatura acadêmica. Assim sendo, os autores concluem que, tanto no discurso sobre política interna como no discurso sobre política externa, domina a tradicional oposição povo-elite do discurso populista e assume um antagonismo mais amplo baseado na dicotomia amigo-inimigo.

Edson Lugatti Silva Bissati foca na importância da religião na campanha eleitoral de Jair Bolsonaro em razão de sua proximidade com a Frente Parlamentar Evangélica (FPE). Em “Religião e política no Brasil: o populismo religioso de direita em Jair Bolsonaro”, o autor, após uma imersão na literatura acadêmica que trabalha a presença evangélica na política nacional contemporânea, analisa os discursos de defesa da moralidade cristã e o fim da “velha política”. Os resultados corroboram com premissa de que Bolsonaro se caracteriza como um populista de direita que se utiliza da linguagem religiosa cristã conservadora para anagariar apoio e atacar seus adversários na cena política do Brasil.

Finalmente, em “Crise e populismo no Brasil: um debate conceitual”, Maria Raphaela Campello apresenta uma reflexão sobre a possível contribuição que a teoria laclauiana poderia fornecer no debate sobre populismo no marxismo brasileiro, tributários da sociologia funcionalista (como aqueles de Weffort e Ianni), e aqueles alinhados à

tradição trabalhista (por exemplo, Angela de Castro Gomes). Ou seja, aquilo que autores clássicos do marxismo brasileiro, como Francisco Weffort e Octavio Ianni chamaram de “populismo brasileiro”, poderia ser enriquecido em níveis analíticos, ou mesmo epistemológicos com essa contribuição.

Acreditamos que a publicação deste Dossiê pode ser considerada um sucesso, o que não teria sido possível sem a colaboração dos pesquisadores que participaram como autores(as) ou como avaliadores(as) dos artigos reunidos. Na condição de organizadores, agradecemos aos colaboradores(as) da revista e estendemos o agradecimento à Equipe Editorial.

Carlos Federico Dominguez Avila

Gerardo Aboy Carlés

Hugo Rogelio Suppo